



Programa Rádio Questões da Amazônia¹

Alessandro Vasconcelos Bandeira²
Kamila Vasconcelos Mendes³
Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES⁴
Faculdade Boas Novas (FBN)

Resumo

O programa de rádio Questões da Amazônia foi concebido para se tornar uma espaço privilegiado para as discussões em torno dos problemas, desafios e ameaças ao desenvolvimento sustentado da Região Amazônica. O formato do programa consiste em entrevistas com pessoas que possam esclarecer, diagnosticar e analisar temas como a meio ambiente, a questão indígena, os problemas enfrentados pelas cidades amazônicas, identidade e cultura regional e outros que estão postos para a sociedade e cujo debate em um veículo de comunicação tão importante na região, como o rádio, pode contribuir para o esclarecimento das pessoas e permitir que estas tomem decisões esclarecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Rádiojornalismo; Amazônia; Desenvolvimento sustentável; Meio Ambiente;

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Programa Laboratorial de rádiojornalismo (conjunto/série).

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: a12bandeira@hotmail.com

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: kmilamends@yahoo.com.br

⁴ Professor Orientador do Trabalho email: allan_soljenitsin@yahoo.com.br



1 Introdução

Heinrich Hertz provou a existência das ondas sonoras em 1887. Anos depois, Guglielmo Marconi construiu a antena receptora (1894) que captou sinais de alfabeto Morse. Três anos depois, Marconi ganhou a patente inglesa para o telégrafo sem fio. E a primeira mensagem que cruzou o Oceano Atlântico pelas ondas do rádio aconteceu em 1901. Começava a era da radiodifusão. Tanto o rádio como a telegrafia sem fio não poderiam ser proprietárias do bem comum e infinito das frequências. Para decidir com quem ficaria cada frequência (espaço no "dial"), foi criada, no início do século, a Associação Internacional de Rádio e Telegrafia.

A partir daí, até os dias de hoje, assistimos às mais diversas formas da manifestação de poderes para definir os critérios e direitos de exploração das ondas de rádio. As ondas sempre serão bens de todos porque são recursos proporcionados pela própria Natureza. O rádio (sistema de emissão e de recepção), como conhecemos hoje, só foi descoberto em 1920 por um engenheiro da companhia norte-americana Westinghouse. Neste mesmo ano, a primeira emissora entrou no ar promovendo a campanha presidencial nos Estados Unidos. O primeiro comercial do rádio norte-americano foi ao ar em 1922. E, cinco anos mais tarde acontecia a primeira transmissão nacional de um jogo de futebol americano. A época de ouro do rádio nos Estados Unidos começou na década de 30 quando já existiam mais de 14 milhões de aparelhos receptores. Em 1932, o sistema de Frequência Modulada - FM foi patenteado por Edwin Armstrong. E, com a invenção do transistor (1947), os aparelhos a válvula foram pouco a pouco substituídos por receptores de rádio mais leves, e até portáteis.

A primeira emissão radiofônica realizada no Brasil aconteceu no dia 6 de abril de 1919 através da Rádio Clube de Pernambuco, fundada no Recife por Oscar Moreira Pinto. Três anos mais tarde, um serviço de "rádio-telefone com alto-falantes" transmitia o discurso do então presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, durante as comemorações do Centenário da Independência do Brasil. No dia 20 de abril de 1923 começou a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a atual Rádio MEC. Criada por Roquette Pinto e Henrique Moritze, tinha como objetivo "lutar pela cultura dos que vivem em nossa terra". As rádios existentes no Brasil (quase todas) até 1930 eram clubes, associações ou sociedades sustentadas pelos ouvintes que pagavam uma mensalidade para cada "clube" produzir e emitir, no ar, suas programações. Nenhuma emissora ficava mais do que quatro horas seguidas no ar. Era como se evitava o superaquecimento dos transmissores.



Na época, existiam poucos aparelhos receptores. Os equipamentos custavam caro e eram importados da Europa e dos Estados Unidos. Esta é uma das razões de que o rádio, em seu começo, não era considerado um meio de comunicação popular. Além disso, a programação refletia o gosto da elite da época, colocando no ar óperas e conferências - algumas em língua estrangeira. Estas foram as principais atrações durante toda a década de 20 em nossas rádios.

Atualmente, Com suas 7.509 estações de rádio¹, das quais 2.982 comunitárias legalizadas (MARTINS, 2007), o Brasil é uma nação rica no campo da radiodifusão. O rádio chega a 88% dos domicílios nos 5.561 municípios do país e a 83% dos automóveis. São 134 milhões de aparelhos em 47 milhões de lares e 19,4 milhões em veículos (Idem). Além deste espectro oficial, um sem número de emissoras comunitárias, consideradas por uns como livre e, por outros, pirata, transmitem diariamente. Fala-se em dez mil, vinte mil, até em trinta mil emissoras em funcionamento sem autorização.

Embora rico em estações e em audiência, o rádio não é um grande empregador de radiojornalistas e, portanto, pobre na produção e difusão de conteúdos jornalísticos próprios. As emissoras comunitárias, em sua quase totalidade, não contratam jornalistas e as comerciais, muito pouco. Em 2004, a imprensa radiofônica respondia, em média, por 5% da oferta de trabalho dos jornalistas. No setor é alta a precarização das relações de trabalho. Existem profissionais atuando voluntariamente, sem remuneração, principalmente junto a emissoras ou programas vinculados a movimentos sociais/religiosos; ocorrendo, até mesmo, a ausência pura e simples de jornalistas.

São pobres as estatísticas. Nem mesmo a Federação Nacional dos Jornalistas – Fenaj, sabe informar com precisão quantos são os jornalistas. Estima-se em 90.000 o volume de registros profissionais já expedidos. Quanto aos efetivamente contratados, os dados são mais frágeis e se limitam aos que atuam com registro profissional e carteira de trabalho assinada. Em 2004, o Ministério do Trabalho (MET) informava a existência de 30.748 jornalistas empregados.

Na Amazônia, o rádio historicamente também ocupa lugar de destaque como veículo de comunicação e igualmente existe carência de conteúdos jornalísticos. Em razão disso, escolhemos esse veículo para a difusão de debates a cerca dos desafios, problemas e ameaças para o desenvolvimento da região no Programa Questões da Amazônia. Partindo do pressuposto de que a função do jornalismo é dar as pessoas informações para elas possam de autogovernar (MELO, 2006), o programa Questões da Amazônia pretende levar

a população debates a cerca dos problemas da região e permitir um maior esclarecimento a cerca deles.

2 Objetivo

O Programa Questões da Amazônia tem como principais objetivos:

1. Promover o debate sobre os desafios, problemas e ameaças ao desenvolvimento sustentável da região amazônica;
2. Dar aos ouvintes condições para se informarem a cerca principais questões referentes ao desenvolvimento da região com fins de que eles possam tomar decisões esclarecidas.

3 Justificativa

Um dos maiores problemas, se não o maior, a ser enfrentando pela sociedade reside na busca da conciliação da preservação do meio ambiente e a sustentabilidade das comunidades tradicionais da Amazônia. Para fazer frente a essa tarefa, organizações governamentais e não-governamentais têm investido tempo e dinheiro na busca de um modelo de desenvolvimento realmente sustentável para os “povos da floresta”. O jornalismo e os jornalistas também não poderiam deixar de dar a sua contribuição nesta empreitada. Faz parte da função social do jornalismo dar condições para que as pessoas possam se autogovernar por meio da democratização das informações necessárias no processo decisório esclarecido.

O Programa Questões da Amazônia foi idealizado e executado partindo das seguintes premissas: a necessidade de engajamento da sociedade na busca de modelos sustentáveis para a Amazônia; a função social do jornalismo de informar as pessoas para que estas possam formar opinião e tomar decisões esclarecidas; e o potencial educacional da comunicação. Em relação a primeira premissa, inúmeros autores e fatos poderiam ser citados para embasar tal preocupação, no entanto, por se tratar de uma temática complexa aqui faremos uma exposição de cunho ilustrativo. Batista (2007), já destacava em seu livro “O Complexo da Amazônia”, produzido no século passado, que “para se obter a imagem completa da natureza de um ecossistema é preciso saber como ele funciona” (BATISTA , 2007, p. 145). No tocante a segunda premissa, Freyre (1987), outro importante intelectual brasileiro, segue caminho parecido em sua obra “Homens, engenharias e rumos sociais”,



mas destaca o papel dos meios de comunicação no processo de disseminação de conhecimentos necessários para haver mudanças na relação do homem com o meio ambiente na região amazônica: “O rádio, a televisão, o cinema deverão desempenhar um papel nada insignificante na educação de agricultores de um novo tipo assim como – é evidente – noutros tipos de educação do brasileiro amazônico” (FREYRE, 1987, p.143).

Quanto ao papel educacional do jornalismo no esclarecimento da sociedade, Medina (1998), considera que ele (jornalismo) como forma social de conhecimento apreende sua responsabilidade diante da sociedade. É uma atribuição social à sua função de produtor e reproduzidor de conhecimento com vistas à conscientização, educação e transmissão de informações de interesse difuso em linguagem acessível à população. A responsabilidade social do jornalismo tem suas premissas na Escola de Chicago, por seus teóricos considerarem a comunicação como mediadora de processos que promovem a cidadania e a democracia. A proposta do programa, portanto, se ampara na possibilidade do jornalismo se impor como mediador entre a atualidade do mundo e os indivíduos, por meio de seu caráter dinâmico, singular e universal, sem pretensão de produzir conhecimento, tal qual a ciência, mas com a intenção de relacionar este conhecimento com a realidade, que se vê uma função social da profissão.

4 Métodos e Técnicas Utilizados

O Programa Questões da Amazônia surgiu no âmbito da disciplina de mesmo nome que compõe a estrutura curricular do Curso de Comunicação Social da Faculdade Boas Novas (FBN). Está previsto em sua ementa o estudo da “história social e cultural do Amazonas; a importância da Amazônia no contexto nacional e mundial; culturas, povos e línguas da Amazônia; os ribeirinhos; os modelos históricos de desenvolvimento econômico; questões atuais: educação, política, economia, ocupação e meio ambiente; a política de desenvolvimento sustentável da Amazônia; a biodiversidade da Amazônia; e desafios e perspectivas”. Como proposta metodológica, discutida e aprovada pelos alunos, após a discussão em sala de aula dos tópicos previstos na ementa, seriam produzidos uma série de 10 programas de rádio e TV com vistas a atender ao último item citado na ementa: desafio e perspectivas.

Os temas escolhidos para os programas de rádio e TV foram definidos com base nos principais problemas, desafios e ameaças ao processo de desenvolvimento da região. Os temas escolhidos foram: questão ambiental; questão indígena; desenvolvimento regional; e cidades na selva. Para cada temática foram produzidas três entrevistas, sendo cinco delas

produzidas para o formato radiofônico e as outras cinco para o formato televisivo. Trataremos aqui apenas dos programas produzidos para o rádio. As entrevistas realizadas versaram sobre: desenvolvimento econômico e meio ambiente; produção e abastecimento de alimentos no Amazonas; identidade regional; ameaças ao modelo Zona Franca de Manaus (ZFM); e problemas da Cidade de Manaus. Os entrevistados foram selecionados tendo como critério suas experiências profissionais, formação acadêmica, cargo público ou liderança de entidade de classe e notório saber sobre o tema abordado.

O tipo do programa segue o que é preconizado por Ferrareto (2001) no tocante aos programas de entrevista no rádio. De acordo com o autor, este modelo representa parcela significativa da programação das emissoras dedicadas ao jornalismo. Nele, é fundamental a figura do apresentador que conduz as entrevistas, chama repórteres (não é o caso do *Questões da Amazônia*) e, quando necessário, emite opiniões. “No entanto, a interpelação de protagonista dos fatos ou de analista ocupa a maior parte da emissão” (FERRARETO, 2001, p. 56). Quanto ao formato escolhido, trata-se do Educativo-Cultural, pois, de acordo ainda com o mesmo autor supracitado, o programa está voltado a uma programação que pretende formar o ouvinte, ampliando seus horizontes educativos e culturais.

Em relação ao tipo de entrevista realizada no programa, as mesmas são classificadas como de opinião. Isso porque “colhe o ponto de vista do entrevistado sobre um assunto. Neste caso, a relevância da fonte determina, em parte, a qualidade e a credibilidade das declarações” (FERRARETO, 2001, p.272). As fases de produção das entrevistas envolveram contatos planejados com os entrevistados. Os apresentadores prepararam-se para elas e seguiram um roteiro de perguntas previamente discutidas em sala de aula, no entanto, houve espaço para o improviso, dependendo do tempo disponível e da interação com o entrevistado. A preparação para as entrevistas, como citado acima, ocorreu em sala de aulas durante as discussões dos conteúdos previstos na ementa da disciplina *Questões da Amazônia*.

As entrevistas foram gravadas nos estúdios da Rede Boas Novas (RBN), pertencente ao mesmo grupo da FBN e onde são realizadas as atividades laboratoriais. Em seguida, passaram por uma fase de tratamento da informação em que os trechos mais significativos foram selecionados e montados em uma seqüência lógica, sem comprometer o teor dos depoimentos. A produção de vinhetas de abertura e encerramento, bem como trilha sonora também fizeram parte do processo de edição do programa. Vencidas as etapas descritas acima, os programas foram levadas ao ar aos sábados de 7h às 7h30 aproximadamente.



5 Descrição do Produto ou Processo

O programa Questões da Amazônia apresenta uma entrevista em profundidade com duração máxima de 20 minutos e mínima de 15 minutos. Os temas abordados dizem respeito aos desafios, problemas e ameaças ao desenvolvimento sustentável da região amazônica. Em cada programa, um(a) apresentador(a) entrevista um especialista, representante de classe ou ocupante de cargo público a respeito de um assunto relacionado aos objetivos do programa. A linguagem utilizada é sempre a mais acessível possível, uma vez que o público da RBN é heterogêneo.

6 Considerações

Tomando como ponto de partida a idéia do jornalismo como mediador do conhecimento, o Programa de Rádio Questões da Amazônia encaixa-se perfeitamente no tema do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Freire (1980) afirma em seu livro “Educação como Prática da Liberdade” que o homem relaciona-se a todo o tempo com os outros homens e a natureza, sobretudo com o contexto em que se inserem as partes – como a história e a cultura. É esta relação que permite integrar o homem na sociedade, e não somente estar em contato com a mesma. Ao passo em que considera a relação como forma de inserção do homem na sociedade, o autor pensa uma “Pedagogia da Comunicação”, que objetiva o diálogo para a compreensão do mundo pelo ser humano. Logo, o diálogo entre a educação e o homem é o que define a comunicação. Assim, a promoção de debates a cerca dos problemas, desafios e ameaças ao desenvolvimento sustentável da Região Amazônia pode ser compreendida como um processo educacional já que se constitui de conhecimento sistematizado e possui potencial de transmissão para aprendizagem.



Referências Bibliográficas

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia** – análise do processo de desenvolvimento. 2ª Ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FERRARETO, Luiz Antônio. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1998.

MELO, José Marques. **Teoria do Jornalismo: Identidades Brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MARTINS, Roberto Pinto . **“Rádio digital”**. Palestra realizada na Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática do Senado Federal em 22/11/2007. Disponível em http://www.senado.gov.br/web/comissoes/cct/ap/AP20071122_MinCom_RobertoPintoMartins.pdf .Visitado em 13/07/2008.